

Formação Histórica e Territorial do Bico do Papagaio (TO): Conflitos, Poder e Construção Socioespacial

*Historical and Territorial Formation of the "Bico do
Papagaio" (TO): Conflicts, Power, and Socio-
Spatial Construction*

*Formación Histórica y Territorial del "Bico do
Papagaio" (TO): Conflictos, Poder y Construcción
Socioespacial*

Roberson Pereira da Silva

Universidade Federal do Tocantins
robersonschelwes@gmail.com

Nilton Marques de Oliveira

Universidade Federal do Tocantins
niltonmarques@mail.uft.edu.br

Resumo: Este artigo analisa o processo de formação histórica e territorial da região do Bico do Papagaio, localizada no extremo norte do estado do Tocantins. A pesquisa, de natureza qualitativa e documental, baseia-se na análise de fontes historiográficas e memorialísticas, buscando compreender as dinâmicas de ocupação, os conflitos agrários e as disputas políticas que marcaram a região. Destacam-se eventos como as revoltas de Boa Vista, a atuação de lideranças locais e os movimentos sociais ligados à luta pela terra. Os resultados indicam que a formação do território está diretamente relacionada a processos históricos de conflito, migração e construção de identidades sociais.

Palavras-chave: Território. Bico do Papagaio. Formação histórica. Conflitos sociais.

Abstract: This article analyzes the historical and territorial formation process of the Bico do Papagaio region, located in the far north of the state of Tocantins. Through qualitative and documentary research based on the analysis of historiographical and memorialistic sources, the study seeks to understand the dynamics of occupation, agrarian conflicts, and political disputes that defined the region. Key events highlighted include the Boa Vista revolts, the role of local leaders, and social movements linked to the struggle for land. The findings indicate that the territory's formation is directly related to historical processes of conflict, migration, and the construction of social identities.

Keywords: Territory. Bico do Papagaio. Historical formation. Social conflicts.

Resumén: Este artículo analiza el proceso de formación histórica y territorial de la región del Bico do Papagaio, ubicada en el extremo norte del estado de Tocantins. La investigación, de naturaleza cualitativa y documental, se basa en el análisis de fuentes historiográficas y memorialistas, buscando comprender las dinámicas de ocupación, los conflictos agrarios y las disputas políticas que marcaron la región. Se destacan eventos como las revueltas de Boa Vista, la actuación de liderazgos locales y los movimientos sociales vinculados a la lucha por la tierra. Los resultados indican que la formación del territorio está directamente relacionada con procesos históricos de conflicto, migración y construcción de identidades sociales.

Palabras clave: Território. Bico do Papagaio. Formação histórica. Conflitos sociais.

Introdução

A formação histórica e territorial do Bico do Papagaio, no extremo norte do Tocantins, tem sido frequentemente abordada de forma descritiva pela literatura regional, com pouca problematização das relações de poder e dos conflitos que estruturaram esse território. Nesse contexto, este estudo emerge da necessidade de tensionar essas leituras, propondo uma análise crítica da constituição socioespacial da região.

Nesse sentido, justifica-se pela necessidade de aprofundamento teórico-metodológico sobre o tema, bem como pela relevância de se produzir uma análise que articule território, poder e conflito como categorias centrais. Ao enfrentar as limitações de abordagens anteriores, este estudo pretende contribuir para o avanço do debate acadêmico, especialmente no que se refere às contradições inerentes à formação socioespacial da região.

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza histórico-documental, com base na análise de fontes primárias e secundárias. Foram utilizados documentos históricos, obras memorialísticas e produções acadêmicas que abordam a formação territorial do norte do antigo estado de Goiás, atual Tocantins. O recorte espacial concentra-se na região do Bico do Papagaio, com ênfase nas dinâmicas sociopolíticas de Boa Vista do Tocantins (atual Tocantinópolis) e áreas circunvizinhas. Como procedimento metodológico, adotou-se a análise comparativa de narrativas historiográficas e memorialísticas, buscando identificar convergências, divergências e contradições entre os autores. A escolha das fontes justifica-se pela relevância dessas obras na construção da memória histórica regional, permitindo compreender tanto as interpretações acadêmicas quanto as narrativas locais sobre os processos de formação territorial.

A abordagem teórica fundamenta-se nos estudos sobre território, poder e formação regional, articulando autores como Oliveira (2004), Giralдин (2004) e Palacín (1990). Para atender aos objetivos propostos, adotou-se a análise comparativa entre diferentes narrativas historiográficas e memorialísticas, buscando identificar convergências, divergências e contradições na interpretação da formação territorial da região.

O referencial teórico será constituído, inicialmente, por autores que analisam e discutem questões sobre território, regional e história local das cidades e região do Bico do Papagaio. Observando as fontes oficiais como o (IBGE) além de autores como Correia (1977), Oliveira (2004), Giralдин (2004), Rodrigues, (2020), Palacín (1990), Nimuendajú (1983) além de outras fontes. Os materiais utilizados para a realização desta pesquisa constituem-se de fontes.

Na historiográficas e memorialísticas, estão: Coronelismo no Extremo Norte de Goiás: O Padre João e as Três Revoluções de Boa Vista (1990), de Luiz G. Palacín; O Crime do Coronel Leitão: Sedição na Comarca de Boa Vista do Tocantins, do Estado de Goiaz (1935), de Ignácio Xavier da Silva; Boa-Vista do “Padre João” (1977), escrito por Aldenora Alves Correia; e De São Vicente a Araguatins (1970), de Leônidas G. Duarte.

Acredita-se que com este estudo pode-se aprofundar o entendimento sobre a região do norte do estado do Tocantins, em que o contexto histórico é único. Pois é sabido que a região é berço de disputas por terras como as que causaram a morte de Padre Josímo, da Guerrilha do Araguaia, das quebradeiras de côco babaçu, e revoltas com as de Boa Vista. Portanto, A formação do território do Bico do Papagaio antecede a criação do estado do Tocantins, estando enraizada em processos históricos de longa duração, marcados por migrações, conflitos agrários e disputas pelo controle político e econômico da região.

Esse estudo destaca a natureza social da pesquisa que destaca uma região que foi o berço de cidades importantes na região do sul do Pará e Maranhão e Norte do Tocantins. Portanto, pode contribuir no sentido de apontar problemas e mobilizar para suas resoluções, assim como vislumbrar caminhos para superar impasses no campo da pesquisa, em que estas precisam ser pensados e planejados respeitando o contexto local e regional.

O problema de pesquisa que orienta este estudo é: como se deu o processo de formação histórica e territorial do Bico do Papagaio e de que maneira os conflitos sociopolíticos contribuíram para sua configuração? Como objetivo geral, busca-se compreender o processo de formação

histórica da região do Bico do Papagaio, destacando os conflitos, disputas territoriais e dinâmicas de poder.

Como objetivos específicos:

- a) analisar o processo de ocupação territorial;
- b) discutir os conflitos políticos e sociais da região;
- c) compreender o papel de Boa Vista do Tocantins nesse processo histórico.

A Região do Bico do Papagaio

O Bico do Papagaio segundo o (IBGE, 2022) possui uma população de 223.786 habitantes, o último censo demográfico. Tendo a cidade de Araguatins como a mais populosa com 31.918, seguido por Tocantinópolis com 22.615 e Augustinópolis com 17.484 habitantes. Da mesma forma os menores municípios da região do Bico são: Cachoeirinha com 1.961, Santa Terezinha com 2.406 e Luzinópolis com 2.717 habitantes.

Os municípios do Bico do Papagaio, estão em uma área de transição entre o cerrado e a floresta amazônica. Possui uma área de 15.993,20 Km² que corresponde a 5,74% do território do Tocantins. É uma região de fronteira, pois em sua mesorregião estão os estados do Pará a noroeste e o Maranhão a nordeste. A Figura 1 apresenta a Região do Bico do Papagaio e seus 25 municípios.

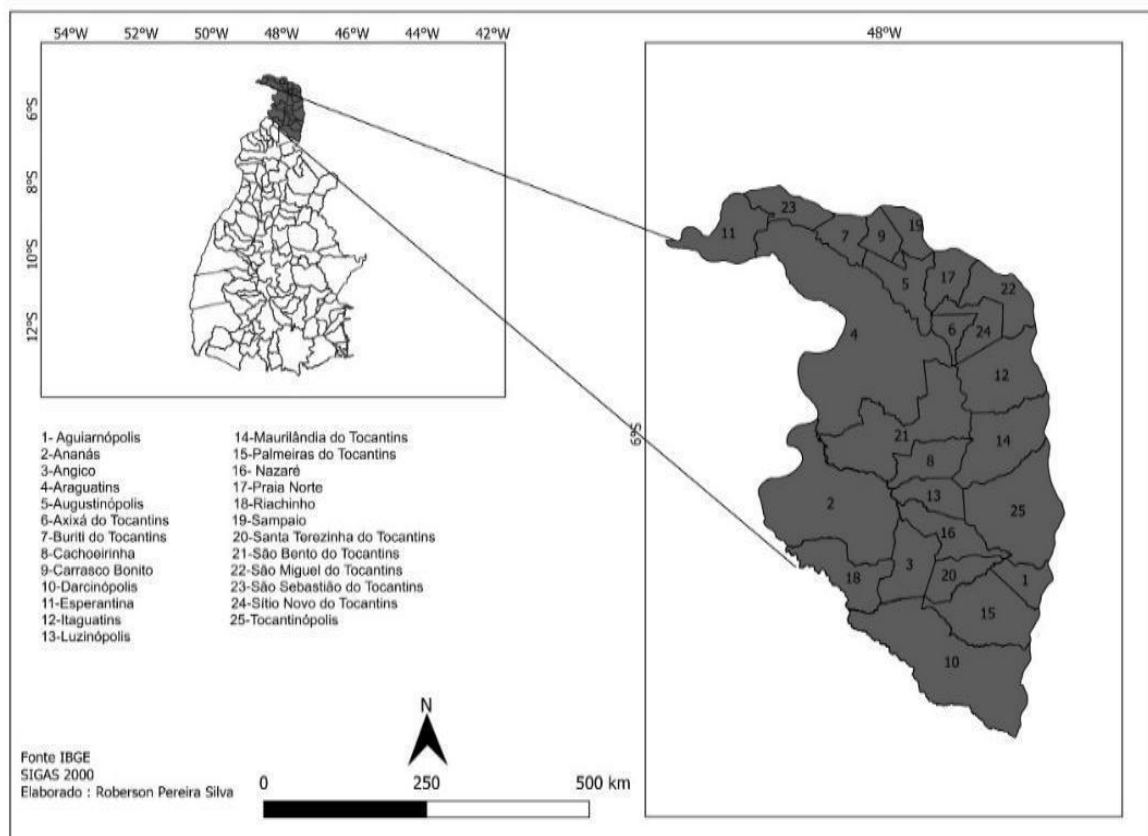


Figura 1- Representação dos 25 municípios da Região do Bico do Papagaio

Fonte: IBGE (2020), Elaboração: autor.

A região do Bico do Papagaio está localizada no extremo norte do estado do Tocantins e apresenta um histórico marcado por intensos conflitos fundiários e disputas territoriais. A recorrência de conflitos na região não deve ser compreendida apenas como eventos isolados, mas como expressão de uma estrutura fundiária concentradora e de disputas pelo controle territorial, características marcantes do processo de formação socioespacial do Bico do Papagaio nas décadas de 1970, 1980 e 1990, a exemplo da Guerrilha do Araguaia, e a morte de Padre Josímo¹. A região do Bico do Papagaio é composta por 25 municípios, conforme classificação regional. Contudo, há divergências em algumas delimitações institucionais,

¹Josímo Moraes Tavares, foi um sacerdote católico brasileiro, coordenador da Comissão Pastoral da Terra. Foi assassinado a mando de fazendeiros da microrregião do Bico do Papagaio em 10 de maio de 1986 por defender os trabalhadores rurais da região. (Silva, 2015)

o que pode gerar interpretações distintas quanto à inclusão de determinados municípios.

Formação histórica e territorial do Bico do Papagaio (TO)

Ao reportar sobre a formação histórica do Bico do Papagaio, o recorte sempre vem relacionado às concepções históricas já conhecidas como as descritas por Giralдин (2004). É pertinente compreender que o território (do Tocantins) é fruto de políticas nacionais e de ações exploratórias tanto da coroa portuguesa, quanto de outras coroas como a francesa, assim como as bandeiras em busca de ouro.

Para Rosy Oliveira (2004) e sua obra a “Invenção do Tocantins” – o marco inicial da luta pela criação do Tocantins, segundo ela, se deu na instalação da Comarca do Norte por D. João VI em 1809 (18 de março de 1809). Que dividiu a província de Goyaz em duas unidades da federação: ficando ao norte (hoje Tocantins) intitulada de São João das Duas Barras, instalada a vila (sede) de mesmo nome, onde mais tarde seria São João da Palma. Tendo como Ouvidor Joaquim Theotônio Segurado que era português.

Em 1824 volta a ser incorporada a Goyaz, porém o movimento separatista que perdura enquanto cidades são edificadas, com disputas e conflitos agrários. A região se tornaria conhecida pelas disputas agrárias nas décadas de 1960 e 1980, assim como a luta das quebradeiras de coco babaçu, assim como da guerrilha do Araguaia (1974) e muitos outros movimentos e disputas pelo poder local, principalmente na Boa Vista (hoje Tocantinópolis) cujo povoamento data de 1808.

Com uma área de 278.420,7 km², situado no sudoeste da região norte do Brasil, limitando-se ao norte e leste com o estado do Maranhão, Piauí e Bahia, ao sul com o estado de Goiás, e a oeste com os estados de Mato Grosso e do Pará. Nasce grande com um árduo movimento de luta até 05 de outubro de 1988 com a criação do estado (implantado em 01 de janeiro de 1989). Lembrando que o estado já contava na época com 60 municípios instalados e 19 criados, mas não implantados e segundo os dados do IBGE com uma população de 920.116 em 1991 IBGE (1991).

Nesse sentido percebe-se que compreender a formação histórica do Bico do Papagaio, é necessário compreender o projeto de povoamento do Brasil colônia e Brasil Império, a partir dos primeiros povoamentos do Maranhão (do Sul) como Pastos Bons, Barra do Corda, Grajaú e Carolina. Consecutivamente o surgimento de Boa Vista em 1818 (Correia, 1977). E suas nuances onde o cenário de isolamento e distanciamento entre sul e norte de Goiás não permitiu que o povoamento começasse no contexto sul norte. Sendo que alguns sertanejos se abrigaram na planície do Rio Tocantins de (1818 a 1825), constituindo assim o território de Boa Vista do Tocantins .

Lembrando que as primeiras cidades do Maranhão do Sul e Centro vieram de 11 anos antes da Proclamação da Independência. Por ordem do Rei de Portugal. Que manda desbravar a região central do Maranhão. E em 11 de março de 1811, cria-se Vila de Nosso Senhor do Bonfim (Grajaú/MA). Após outras cidades como Carolina-MA na margem direita do rio Tocantins e cidade mais próxima de Boa Vista do Tocantins(GO), com quem detinham suas principais relações sociais e econômicas.

De acordo com Rodrigues, (2020) em 1891, Boa Vista do Tocantins já “era considerada umas das cidades mais populosas do extremo norte de Goiás”. Pousava as margens do Rio Tocantins, e mantinha um comércio fluvial fluente, estreitando relações sociais e econômicas com Maranhão e Pará, favorecendo assim a comercialização de produtos e a migração de sujeitos entre os estados. (Rodrigues, 2020 p.14)

De acordo, Gilcifran Miranda Andrade (2023) o processo de ocupação da microrregião do Bico do Papagaio se deu por meio da abertura de caminhos nas margens do Rio Tocantins pelos nordestinos que, gradualmente, foram criando os chamados “centros”, seguido da criação de gado, cultivo de roças e extração do babaçu. Para Palacín (1990, p. 11) foi devido à “decadência de Goiás, em consequência do colapso da mineração do ouro e outros, assim como a contraposição norte/sul passava a caracterizar um perfil socioeconômico assim a “[...] ruralização da vida e o abandono das cidades”.

Nesse contexto, se destacam as narrativas regionais dos conflitos conforme descritos por Luiz Palacín (1990) com as revoltas de Boa Vista, as

disputas políticas e projetos emancipatórios que influenciaram a migração para o interior do território. Boa Vista do Tocantins passou a ser considerada Vila pela Resolução Provincial n.º 16, de 31 de julho 1852, e pela Resolução Provincial n.º 02, de 28 de julho de 1858, é elevada à categoria de cidade, se deparando com uma série de acontecimentos que ocorreram no norte da província de Goiás, envolvendo também as províncias do Maranhão e Grão-Pará (chamadas de revolução) (Rodrigues, 2020, p.13).

O conflito contrapôs grupos oligarcas da região assim como o próprio clero que disputavam o domínio do poder político na esfera regional. Boa Vista se tornou o centro dos debates político, religioso e cultural da região de extremo Norte de Goiás, afirma Palacín (1990). Assim como a primeira revolta, a segunda também foi de cunho emancipacionista, pois tinha o objetivo de desvincular territórios para a formação de um novo estado. A Província do Grão-Pará, que à época era comumente chamada de Pará (do tupi-guarani, rio-mar ou rio grande), que foi uma unidade administrativa do final do período colonial e do período imperial brasileiro (período ibérico), originada das capitânicas do Grão-Pará e do Rio Negro, que existiu de 1821 a 1889. Os portugueses inicialmente chamaram o território de "Terra de Feliz Lusitânia", logo substituído por Grão-Pará, para finalmente se tornar somente Pará no ano de 1889.

O processo de ruptura política do Brasil com Portugal criou, na província do Grão-Pará, uma situação de indefinição. Em 1821, a capitania do Rio Negro foi elevada a província, como todas as outras capitânicas. Porém, o Rio Negro não constou entre as províncias do Império na Constituição de 1824. Sua situação só seria definida em 1833, quando o Código Criminal o rebaixou ao estatuto jurídico de comarca subordinada à província paraense. A região só retomará sua autonomia em 1850, com a criação da província do Amazonas.

Percebe-se na narrativa histórica apresentada a importância do estudo do processo histórico para esclarecer sobre "a formação do tecido social" assim como "das redes" de interações e de comunicações no território". Da mesma forma, debater-se sobre "desenvolvimento" em um território considerando o processo de ocupação (a luta pela terra) seguido da composição social, e da utilização dos recursos naturais (como o babaçu) e das atividades econômicas desenvolvidas (Miranda et al, 2023).

O território do Bico do Papagaio não surge somente com o nascimento do Tocantins, vem de muito antes da dissolução do Império, por isso, observa-se necessário compreender essa formação, pessoas que migraram ou fugiram de situações distintas e que se reconhecem no mesmo espaço. É necessário resgatar e valorizar essa história, pois “bico” ou “pontinha torta”, passou por diversos contextos até a presente configuração (Silva, 2015).

O Território no qual o acesso foi por duas vias: os rios (Araguaia e Tocantins) que ainda no século XIX se constituíram como principal via de acesso e ligação com Belém. Nesse sentido, destaca a autora Izarete da Silva de Oliveira, (2018) que a “ocupação do território é geradora de raízes e de identidade”. Ou seja, “Um grupo não pode mais ser compreendido sem seu território e a identidade social e cultural das pessoas”. (Oliveira, 2018. p.55). É sabido que a região é berço de disputas por terras como as que causaram a morte de Padre Josímo, onde ocorreu a Guerrilha do Araguaia, a luta das mulheres quebradeiras de coco babaçu, e revoltas como as de Boa Vista.

Observa-se como fundamental importância compreender a formação do Bico do Papagaio pelo olhar das comunidades tradicionais, cujas gerações povoam o território, no caso dos Apinajé`s, como retratado por Giralдин (2004), no qual destaca o grupo da família dos Timbira que ocupavam uma área que compreende a atual Filadélfia até Araguatins. Também estudado pelo antropólogo Curt Nimuendajú (1939) em sua obra “Os Apinayê” um estudo sobre os povos Apinajés, cujo propósito foi o de etnografar a vida desses indígenas e dos ameríndios mesmo sem considerar o contexto histórico local.

Boa Vista Do Tocantins, conflitos, poder e construção socioespacial

A Boa Vista do Tocantins, atual (Tocantinópolis) foi um município brasileiro localizado a cerca de 1.290 km da atual capital de Goiás. (Boa Vista), elevada à categoria de município, por lei provincial n.º 2 de 28 de julho de 1858. Seu processo de povoamento vem de antes de 1818. Boa Vista do Tocantins (Tocantinópolis) foi, conforme o olhar do historiador

Raylinn Barros da Silva , considerada a mais proeminente cidade do Norte de Goiás. O pilar central que impulsionou o surgimento de outras cidades sendo porta de entrada para desbravadores em busca de riquezas e prosperidade, entre outros que ocasionou o surgimento de vários municípios na região que se estendia até Araguaína.

As principais questões sobre Boa Vista estão nas descritas nas obras de Palacín (1990) e Correia (1977) como as chamadas revoluções - primeira e segunda revolta de Boa Vista descritas em obra, assim:

A obra de Palacín, “Coronelismo no Extremo Norte de Goiás”, é um trabalho historiográfico, porém, por conter muitos elementos da memória local do período, utilizo como fonte. Contudo, esclareço que nesse processo procurarei estabelecer um procedimento que considere o caráter específico desse trabalho. Nessa obra Palacín caracteriza a região e como se deu sua formação, considerando, elementos da imigração que constituíram a povoação do Norte de Goiás. Discorre ainda sobre as três “revoluções” considerando a organização administrativa, política e econômica baseada nos conflitos entre Igreja e chefes políticos. Em sua obra, a memorialista Aldenora Alves Correia apresenta Boa Vista a partir da personalidade mítica e mística do Padre João, constituindo esse personagem como um articulador das práticas sociais e de trabalho na região. (Marinho, 2013, p. 03)

Essa contradição de pensamento nos remete a compreensão por autores como o memorialista Ignácio Xavier da Silva em sua obra “O Crime do Coronel Leitão ” (Coronel Leitão que em 1880 mudou-se para Boa Vista do Tocantins, atuando nesta localidade em três funções: como intendente municipal; diretor do departamento dos indígenas; e juiz municipal de órfãos. Em 1890, assumiu a chefia da Coletoria Provincial de Goiás.

Devido a sua grande influência na região, em 1890 foi eleito deputado estadual constituinte pela província de Goiás, tendo assento na capital nacional, Rio de Janeiro. Em 1886 recebeu o título de coronel da Guarda Nacional. Palacín, (1990) Marinho, (2013) Silva, (1935).

Conforme Marinho (2013) “os conflitos e tensões que envolvem um crime vinculado às disputas políticas em torno da terra e do poder de mando na região de Boa Vista, norte de Goiás”, na busca de controle e poder sobre

os trabalhadores sertanejos. Já o memorialista Leônidas G. Duarte, em sua obra “De São Vicente a Araguatins (1990)”, narra a história de São Vicente, atual Araguatins, que “foi atingido pelos horrores das revoltas boa-vistenses e palco de muitos entraves e tensões que envolveram os trabalhadores sertanejos”.

Nesse cenário percebe-se a figura particular de Carlos Gomes Leitão em 1891 nos movimentos separatistas desencadeariam a Primeira Revolta de Boa Vista. Suas ações inflamaram a região numa campanha para que declarasse a autonomia político-administrativa em relação a Goiás, o objetivo seria unificar os territórios do norte de Goiás e do Sul do Maranhão além do Grão-Pará, com vistas a formar o "estado de Boa Vista" (inicialmente sob o nome de província de Pastos Bons). O principal argumento seria de que Boa Vista estaria muito distante da capital estadual, da época que era Vila Boa de Goiás, Palacín, (1990) Marinho, (2013) Silva, (1935), Correia (1977).

Por vezes denominada, como a Boa Vista do Padre João (João de Sousa Lima citada por Luiz Palacín (1990). No Coronelismo no extremo norte de Goiás: O Padre João e as três revoluções de Boa Vista. Reforçada pelo mito de fundação da autora local Professora Aldenora Alves Correia, em Boa Vista do “Padre João”. 1977. Reportadas como obras emblemáticas que dão duas visões sobre a mesma pessoa, (Padre João) como homem santo, político respeitado e o coronel de batina. Persondas narra fatos sobre a primeira das revoluções de Boa Vista.

Persondas de Carvalho, ao rememorar Boa Vista, “recorta” dois grupos bem definidos: o composto por José Dias e o Tenente Coronel Francisco Maciel Perna, militares que se “revoltaram” contra o governo do Estado de Goiás. A defesa da vila, que era atacada por outro grupo, e o constituído por Carlos Gomes Leitão, tropas militares federais e toda sorte de “jagunços” com o apoio do Estado. Nesse rememorar sobre a revolta em Goiás, o Estado aparece, como aparecerá em suas narrativas sobre o Maranhão, como um órgão que envia militares e jagunços ao encalço dos que lhe fazem oposição. (Antunes De Medeiros, 2013, p.09)

De acordo com Palacín (1990) as revoluções estavam centradas na persona do coronel, muito nítido na persona de Pe. João de Sousa Lima,

onde [...] os chefes locais e “coronéis” na maioria das vezes eram grandes proprietários de terra, o que afetava diretamente a política. Nessa época, Goiás tinha um território onde as relações sociais eram basicamente rurais (Marinho 2013). Nesse sentido, a interpretação de Boa Vista como uma comunidade predominantemente rural revela uma leitura limitada, que desconsidera a complexidade das relações políticas e sociais já presentes no território.

Analisando mais a fundo percebemos como um local constitutivo de relações sociais e políticas modernas com movimentos e ideias separatistas, não com Goiás, e sim relacionadas à criação de um estado separado, as mesmas que levando a primeira revolução de Boa Vista. O caso da criação da república do Grão-Pará, da mesma forma que se criada à república e Pastos Bons e até mesmo a criação do estado de Boa Vista em virtude da sua proximidade cultural com o Maranhão e com Belém.

"Para melhor compreender o contexto histórico do período, apresenta-se o mapa de Goiás elaborado por Francisco Ferreira dos Santos Azevedo em 1902 (Figura 3). A cartografia não apenas retrata a realidade geográfica da época, mas também evidencia o distanciamento das tensões separatistas em relação ao território goiano.

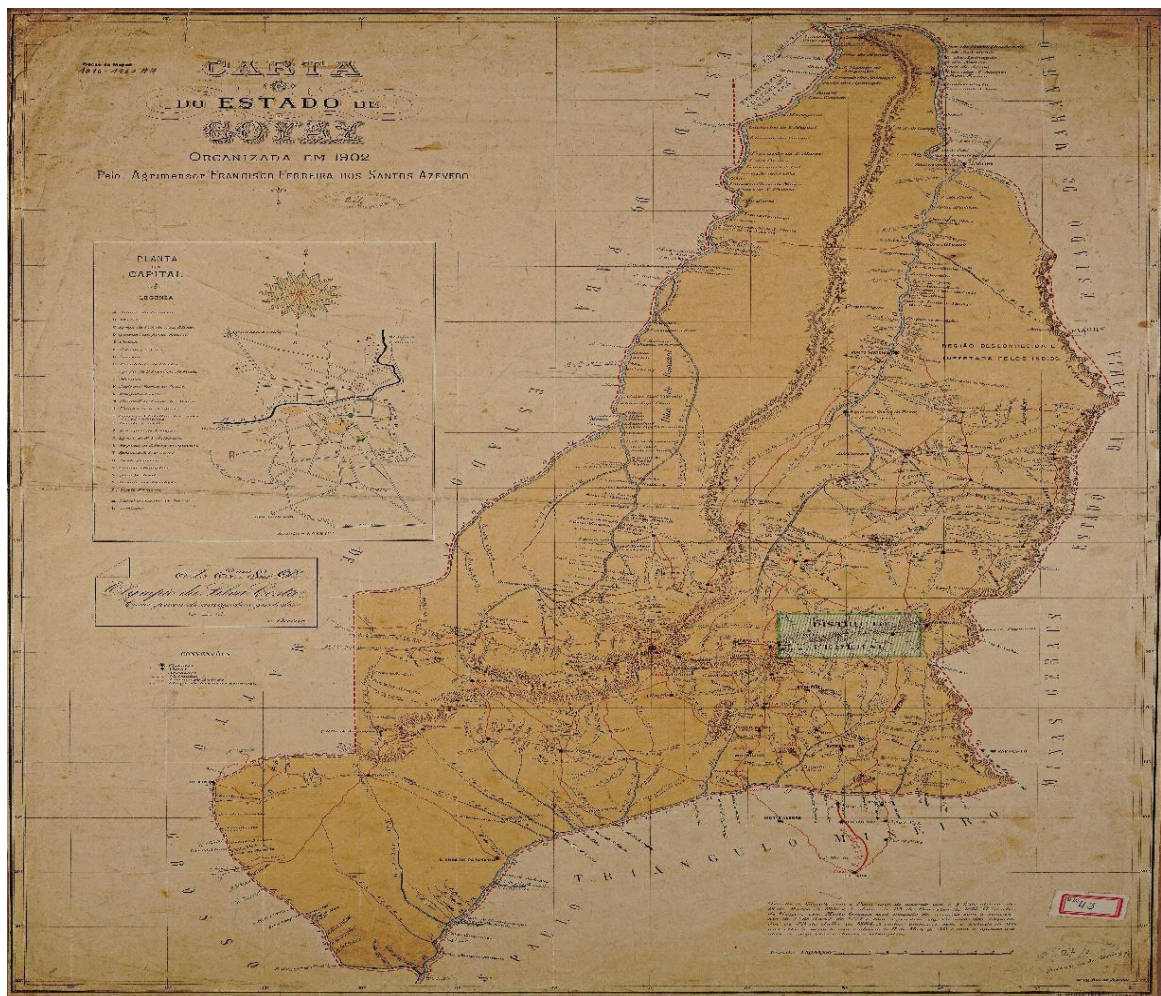


Figura 3 - imagem carta do Estado de Goyaz - 1902 - por: Francisco Ferreira dos Santos Azevedo.

Fonte: AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. Carta do Estado de Goyaz, 1902.

É fundamental notar que já havia uma demarcação territorial prevendo o Distrito Federal em 1902. Porém não havia qualquer referência geográfica para Goiânia. Nesse contexto cabe ressaltar que já era plano tirar a capital de Vila Boa de Goiás, mesmo antes da metade do século XIX, essa ação só seria posta em prática com a construção da nova capital na década de 1930 (teve início em 1933 e se estendeu até 1942).

Quando Palacín (1990) e outras fontes se reportam à segunda guerrilha do Tocantins, retrata como uma série de acontecimentos e fatos históricos que ocorreram no norte da província de Goiás, no qual tiveram como atores, líderes regionais das províncias das províncias de Goiás,

Maranhão e Grão-Pará. Um conflito que teve início em abril de 1907, finalizadas após um sangrento conflito que levou a morte de Leão Rodrigues de Miranda Leda (Leão Leda²) em março de 1909, principal líder oligarca da região de Grajaú/MA. Essa revolta é considerada uma revolta local, onde a disputa de poder, entre elites rivais locais em caráter regional.

Nesse contexto, segundo Palacín, (1990) Marinho, (2013) Silva, (1935) a relevância do fato está não só no conflito sangrento entre as partes, mas sim no caráter territorial dessa revolta. Que durou dois anos até a morte do Oligarca Leão Leda (1840-1909) para ser considerada finalizada. O conflito contrapôs grupos oligarcas da região, assim como, o próprio *clero* que disputavam o domínio do poder político na esfera regional. Nesse contexto, Boa Vista se tornou o centro dos debates político, religioso e cultural da região do extremo Norte de Goiás.

Assim como a primeira revolta, a segunda também foi de cunho emancipatório, tinha o objetivo de desvincular os territórios do Sul do Maranhão, Sul Pará e extremo norte de Goiás para a formação de um novo estado. A Província do Grão-Pará, que à época era comumente chamada de Pará (do tupi-guarani, rio-mar ou rio grande) das capitanias do Grão-Pará e do Rio Negro. Que existiu de 1821 a 1889.

Os portugueses inicialmente chamaram o território de "Terra de Feliz Lusitânia", logo substituído por Grão-Pará, para finalmente se tornar apenas Pará no ano de 1889. O processo de ruptura política do Brasil com Portugal criou, na província do Grão-Pará, uma situação de indefinição. Em 1821, a capitania do Rio Negro foi elevada a província, como todas as outras capitanias.

² Leão Rodrigues de Miranda Leda (Grajaú, 1840 — Conceição do Araguaia, 9 de março de 1909), também conhecido como Leão Leda, foi um proprietário rural e político liberal-republicano que viveu nas regiões do Alto Sertão do Mearim e no Bico do Papagaio. Como ativista político republicano, envolveu-se nos mais diversos conflitos armados no final do século XIX e início do século XX. Entre os conflitos que se envolveu estão registrados a "Guerra do Leda" e a Segunda Revolta de Boa Vista. (Marinho, 2013, Silva, 1935)

Entre a Batina e o Mando: A Ascensão Política do Padre João em Boa Vista (1900-1930)

No auge da borracha, houve um rápido crescimento devido à onda imigratória. Com isso, Leão, Leda e sua família acabam se instalando em Boa Vista como imigrantes anônimos, eles chegam ao ano de 1900. Para Palacín (1990) quando o padre João chega a Boa Vista após anos estudando e morando na capital de Goiás, ele logo percebe, com vocação para o mando. Rapidamente ele torna-se um líder carismático e também tradicional, pois, mesmo visto como uma boa pessoa possui um caráter autoritário e forte.

Luiz Palacín em sua obra “Coronelismo no extremo norte de Goiás: o Padre João e as três revoluções de Boa Vista” (1990) caracteriza a memorialista Aldenora Alves Correia, como biografia do padre João, e que a mesma não acertou sequência onde os fatos realmente aconteceram. Segundo o autor, a volta do padre João da Boa Vista não teve nada a ver com a família Leda e, sim, porque a população estava necessitando de um líder espiritual na cidade para acalmar os estragos da primeira revolução de Boa Vista. O padre João se elegeu para deputado três anos depois da luta contra Leão Leda. O Juiz Cantídio conseguiu uma trégua temporária entre Leão Leda e Padre João, mas, com a quebra do acordo, eclode a segunda revolução de Boa Vista.

O historiador e professor Luiz Palacín (1990) caracteriza a ocupação da cidade de Boa Vista como uma estratégia ordeira e apaziguadora, mas, outras fontes indicam que houve mortes na tomada da cidade. Depois disso, as forças federativas da guarda nacional tiveram que intervir e chegaram a Porto Franco no dia 19 de julho. Assim, 70 revoltosos são presos.

Os revoltosos conseguiram o habeas corpus, para entrarem na cidade sem risco de serem presos. Após isso, Leão Leda retorna ao Maranhão, então ele manda apreender o carregamento de caucho e, assim, assina o próprio destino, morrendo em nove de março de 1909. Após a disputa entre Pedro Maquinista e líderes da revolução provocam a morte de João José, e Osório. O padre João passa do partido republicano para o democrata, se candidata a deputado e é eleito.

Assim, ele apresenta dois projetos buscando o benefício da população de Boa Vista. Através de sua vitória, começa assim, a era padre João que vai do ano de 1913 a 1930. Em setembro de 1947, Padre João se retira para o interior em preparação para a celebração de seu aniversário de 50 anos de ordenação sacerdotal. E no dia 29 de setembro veio à notícia de seu falecimento. Esse processo evidencia a centralidade do coronelismo e das relações clientelistas na organização do poder regional.

Considerações finais

É importante salientar que padre João de Sousa Lima (Pe. João) não tinha as características do coronel tradicional, pois, ele não possuía terras, não tinha dinheiro, ele era apenas um líder religioso extremamente influente. Com a chegada de Leão Leda em Boa Vista, inicia-se então um conflito e a origem da segunda revolução de Boa Vista. Atribui-se a Carlos Gomes Leitão por sua ação desbravando o Sul do Pará ao surgimento de Cidades como Marabá devido ter-se conformado a existência de "Gaúcho" (Seringueira) na região descoberta que trouxe prosperidade e fama a região com isso também Leão Leda e consecutivamente os conflitos, da mesma forma trouxe Walfredo Campos Maia³. Frei Gil de Vilanova (Gil Villeneuve) , fundador dos municípios de Conceição do Araguaia, Santa Maria das Barreiras e Pau-d'Arco. E a expoente figura de Padre João de Sousa Lima o Cônego João Lima.

Nesse sentido, busca-se refletir na pesquisa uma oportunidade de contar histórias e retratar fatos sobre o território que não foram contempladas em outras versões respeitando o olhar e o fazer científico da pesquisa. Como expressa a bandeira do estado, "CO YVY ORE RETAMA" ("Esta Terra é Nossa") em tupi, antes veio no brasão de Tocantinópolis a antiga Boa Vista do Tocantins, cidade criada em 1856.

Conclui-se que a formação do Bico do Papagaio deve ser compreendida como um processo historicamente conflituoso, estruturado por disputas territoriais, relações de poder e dinâmicas migratórias. Ao

³ Tenente da Guarda Nacional, governou Boa Vista interinamente por 1 ano. Pai do ator e diretor Wolf Maia (Walfredo Campos Maia Júnior).

evidenciar essas dimensões, o estudo contribui para uma leitura crítica da formação socioespacial da região, superando abordagens descritivas e reforçando a centralidade dos conflitos na construção do território. Assim, a história, às vezes injusta, se justifica em atraso.

Referências

ALDIGHERI, Mário. *Josimo: A terra e a vida*, Loyola, 1993.

AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. *Carta do Estado de Goyaz*. 1902. 1 mapa, monocromático, 100 cm x 87 cm. Escala 1:2.000.000. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, Fundo Francisco Bhering, Código BR_RJANRIO_F4_0_MAP_0024_0001.

CARVALHO, Parsondas. A Guerra do Leda. In: DINO, Sálvio. *Parsondas de Carvalho: um novo olhar sobre o sertão*. Imperatriz: Ética, 2007. p. 367.

CORREIA, Aldenora Alves. *Boa Vista do Padre João*. Tocantinópolis: [s.n.], 1977.

CIGOLINI, Adilar Antônio. Ocupação do Território e a Criação de Municípios no Período Imperial Brasileiro. *Mercator*, Fortaleza, v. 14, n. 1, p.7-19, jan./abr. 2015.

GERALDIN, Odair, Povos indígenas e não-índigenas: uma introdução à história das Relações interétnicas no Tocantins. In. GERALDIN, Odair (Org.) *A (trans) formação histórica do Tocantins*. Goiânia: Ed. UFG, 2004, p. 108-135.

MARINHO, Suzana.CORMINEIRO, O. M. M. . Entre as Fé e as Armas: Trabalhadores no contexto das Revoltas de Boa Vista Norte de Goiás (1870-1930). In: *IX Seminário de Iniciação Científica da UFT*, 2013, Palmas - Tocantins. Entre as Fé e as Armas: Trabalhadores no contexto das Revoltas de Boa Vista Norte de Goiás (1870-1930), 2013.

Disponível em

http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364747665_ARQUIVO_ComunicacaoCoordenada-Graduando-SuzanaMarinhodosSantos.pdf

MARQUES DE OLIVEIRA, Nilton. Transição do Norte de Goiás ao território do Estado do Tocantins. *Revista Tocantinense de Geografia*, v. 7, n. 12, p. 53-82, 2018. Disponível em:

<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/geografia/article/view/4890>. Acesso em 15 dez 2023.

MEDEIROS, Euclides Antunes de. A Narrativa Jornalística de João Parsondas de Carvalho: memória da violência na Região dos Vales dos Rios Araguaia E Tocantins. *Fênix - Revista de História e Estudos Culturais*, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 1-22, 2013

MIRANDA. Gilcifran Andrade, SANTOS. Moacir José dos, CARMELLO. Monica Franchi, *Bico do Papagaio: Território E Desenvolvimento Regional (1930-1990)*. PEC, ISSN: 1679-415X, Toledo, v. 27, n.2, p.182-201-268, 2023. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/gepec/article/view/30861/22174>

NIMUENDAJÚ, Curt. *OS APINAYÉ*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 1983. 146 p.

PALACÍN, Luís. *Coronelismo no extremo norte de Goiás: O padre João e as três revoluções de Boa Vista*. In: Segunda revolução de Boa Vista. São Paulo: Edições Loyola, 1990. (p. 91-179)

RODRIGUES. Fernanda Silva, *A territorialização dos sujeitos de Boa Vista do Tocantins em Goiás: uma abordagem a partir da cultura de religiosidade*. / Fernanda Silva Rodrigues. – Araguaína, TO, 2020. Dissertação (Mestrado Acadêmico) UFT – Campus de Araguaína. Pós-Graduação (Mestrado) em Estudo de Cultura e Território, 2020.

SILVA, Ignacio Xavier da. *O Crime do Cel. Leitão: sedição na Comarca de Boa Vista do Tocantins, do Estado de Goiaz – 1892 – 1895*. Goiaz. Capital: Oficinas Graficas Popular, 1935. p.93 – 94.

SILVA, R. P.; LUCAS, W. L. C. Território E Relações De Poder: Um Olhar Sobre Os Movimentos Sociais No Bico Do Papagaio. *Revista Brasileira de Estudos de Gestão e Desenvolvimento Regional*, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 99–109, 2024. Disponível em:
<https://periodicos.unemat.br/index.php/rbedrpp/article/view/12386..>
Acesso em: 9 nov. 2024.

SILVA, Roberson Pereira da. *Poder Público e sociedade Civil: políticas públicas de desenvolvimento regional no Bico do Papagaio - embates e debates*. 2015. 58 f. Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, UFT, Tocantinópolis, 2015. Disponível em:
<https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/2670>

Roberson Pereira da Silva

Mestre em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Tocantins - UFT. Especialista em Gestão Pública Municipal e Direito Aplicado a Administração Pública. Pós-Graduado em Gestão e Organização do Trabalho Escolar pela Universidade Federal do Tocantins-UFT. Graduado em Ciências Sociais (Licenciatura Plena e Bacharelado) pela Universidade Federal do Tocantins/UFT.

E-mail: robersonschelwes@gmail.com

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/0805247096250941>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2030-2666>

Nilton Marques Oliveira

Doutor em Desenvolvimento Regional e Agronegócio pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Toledo - PR. Mestre em Economia Aplicada pela Universidade Federal de Viçosa - UFV e Economista pela Universidade Estadual de Maringá - UEM. Professor Associado do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional (PGDR/UFT) e do curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Tocantins.

E-mail: niltonmarques@mail.uft.edu.br

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/9714154982299224>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6485-314X>

Recebido para publicação em março de 2025.

Aprovado para publicação em dezembro de 2025.